

**INABALÁVEL HUMANISMO: ENTREVISTA COM ALEXANDRE LAGO SOBRE
SEU PAI BENJAMIM MARCOS LAGO¹**

Beatriz Camêlo Sampaio*
Carlos Eduardo Oliva C. Rêgo**
José Amaral Cordeiro Jr.***
Roberto Mosca Jr.****
Sophia Gelard dos Santos*****

RESUMO: Entrevista realizada no âmbito do projeto de iniciação *científica Ciências Sociais e Memória: registro de ações para Educação em Direitos Humanos*, realizado junto ao Grupo de Estudos em Ciências Sociais e Memória (GECISME) vinculado ao LAEDH - Laboratório de Educação em Direitos Humanos do Colégio Pedro II - e apoiado pela Pró-Reitoria de PósGraduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II, com Alexandre Lago, filho do professor Benjamim Marcos Lago e ex-aluno do Colégio Pedro II, que nos dá um depoimento a respeito da trajetória de vida de seu pai, segundo chefe do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II, que antes atuou no colégio como professor da disciplina de OSPB – Organização Social e Política Brasileira. A publicação deste relato é uma das iniciativas para comemoração dos 30 anos do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II, que busca contribuir com o estabelecimento de uma memória acerca de docentes que formaram este departamento ao longo dessas três décadas.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, Histórias de Vida, Trajetórias

ABSTRACT: Interview for the scientific initiation project *Social Sciences and Memory: record of actions for Education in Human Rights*, with the Study Group in Social Sciences and Memory (GECISME) linked to LAEDH - Laboratory of Education in Human Rights of the Colégio Pedro II - and supported by the Dean of Graduate Studies, Research, Extension and Culture (PROPGPEC) of Colégio Pedro II, with Alexandre Lago, son of teacher Benjamim Marcos Lago and former student of Colégio Pedro II, who gives us a statement about his father's life trajectory, the second head of the Sociology Department of Colégio Pedro II, who previously worked at the school as a teacher of the discipline of OSPB – Brazilian Social and Political Organization. The publication of this report is one of the initiatives to commemorate

¹ Entrevista realizada em 21 de setembro de 2021 remotamente, em meio à pandemia de Covid-19, gentilmente concedida por Alexandre Lago, a quem os autores agradecem por participar de nosso projeto de pesquisa e pela revisão da presente entrevista.

* Aluna de Ensino Médio do Colégio Pedro II, Campus Centro, orientanda voluntária de iniciação científica do Prof. Carlos Eduardo Oliva, vinculada ao LAEDH. Realizou parte da transcrição desta entrevista.

** Professor de Sociologia do Colégio Pedro II. Doutor e mestre em Ciência Política pela UFF. Especialista em Ensino de Sociologia pelo CPII. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pelo IFCS-UFRJ. É vice-líder do LAEDH (CNPq) e pesquisador do GECISME vinculado ao LAEDH. Revisou esta entrevista.

*** Professor de Sociologia do Colégio Pedro II. Doutorando em Ciências Sociais pelo PPCIS-UERJ, mestre em Sociologia e Antropologia pelo PPFSA-UFRJ. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UFRJ. Pesquisador (CNPq) do GECISME, vinculado ao LAEDH. Revisou esta entrevista.

**** Professor de Sociologia do Colégio Pedro II. Doutorando e mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS-UERJ. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UERJ. Pesquisador (CNPq) do GECISME, vinculado ao LAEDH. Revisou esta entrevista.

***** Aluna de Ensino Médio do Colégio Pedro II, Campus Centro, orientanda voluntária de iniciação científica do Prof. Carlos Eduardo Oliva, vinculada ao LAEDH. Realizou parte da transcrição desta entrevista.

the 30th anniversary of the Department of Sociology of Colégio Pedro II, which seeks to contribute to the establishment of a memory about the teachers who formed this department over these three decades.

Keywords: Teaching Sociology, life stories, trajectories

Carlos Eduardo Oliva: Obrigado por nos conceder essa entrevista, Alexandre! Começamos pedindo algumas informações básicas: de onde eram e como se chamavam os pais do seu pai Benjamim Lago, quais eram as formações deles e ainda queremos saber se o Benjamim tinha irmãos...

Alexandre Lagos: Primeiramente, eu queria não só agradecer, mas dizer também que estou muito feliz com essa oportunidade, porque meu pai tinha um apreço muito grande pelo Colégio Pedro II, ele deve estar lá, onde quer que ele esteja, feliz da vida! Minha avó se chamava Delza Jardim Neves, também escritora, e meu avô, Benjamim Emiliano Lago, só não tinha o “Marcos”, tinham quase o mesmo nome.

C.E: Seu pai era chamado de Marcos em casa?

A.L: A Ângela Cardoso, professora de Biologia do Colégio Pedro II com quem foi casado, chamava ele de Marcos, muitos o chamavam de Marcos, mas no Colégio Pedro II era chamado de Benjamim, eu me lembro que chamavam ele de Benjamim, embora muitos o chamassem de Marcos. Porém, quem cuidou do meu pai, que eu considero como meu avô, não era de sangue, mas cuidou do meu pai e do meu tio desde pequenos – porque minha vó se separou quando eles eram novos, não lembro a idade, mas basicamente boa parte da infância eles foram criados por essa pessoa com que ela foi casada – foi o Hugo Fortes Pinheiro, quem eu considero como meu avô mesmo, que foi presente. Na realidade, esse meu avô Pinheiro era até uma pessoa importante, conhecia presidentes, morreu com 103 anos, era uma pessoa ímpar, que teve uma família anterior, era uma pessoa com bastante experiência de vida, tinha tido fazenda, trabalhou no Instituto Brasileiro do Café. Ele e minha avó trabalharam lá, eram funcionários públicos, e assim que eles se conheceram.

Roberto Mosca Jr.: Sua avó era funcionária pública?

A.L: Era sim. Do Instituto Brasileiro do Café. Ela e o Pinheiro se conheceram lá. O pai de meu pai mesmo, de sangue, acho que era advogado, o meu avô Benjamim. Mas esse avô tinha uma

relação distante do meu pai, foi se aproximar mais no final da vida, então quem criou mesmo meu pai foi o Pinheiro, que consideramos nosso avô.

C.E: E ele tinha irmãos, o Benjamim Lago?

A.L: Tinha um irmão, falecido também, André. Ambos, filhos do meu avô Benjamim.

C.E: Ele contava alguma coisa sobre eventuais traumas de infância com a separação dos pais?

A.L: Ele sentia falta dessa presença do pai dele, de sangue. Ele sentia aquela coisa do pai não ter sido um pai presente, apesar do outro pai, o Pinheiro, marido da minha avó, ter sido muito presente, um ser humano super dedicado aos filhos, que considerava meu pai como um filho. Mas, mesmo assim, ainda havia esse sentimento de carência do pai consanguíneo. Não chegava a ser aflorado, ele falava pouco sobre isso, mas eu sentia que tinha um pouco disso, apesar de ele ter tido uma vida legal, não ter tido traumas, foi uma pessoa que teve uma infância bacana e uma família estruturada.

C.E: Onde ele cresceu, onde nasceu e qual a data do nascimento dele?

A.L: Ele nasceu em 03 de janeiro de 1946, no Rio de Janeiro.

R.M: Logo depois do fim da guerra!

A.L: Isso! E ele sempre morou aqui no Rio. Morava ali na Rua Bulhões de Carvalho, em Copacabana, depois morou no Leblon e em Botafogo. A vida dele sempre foi por aqui, Leblon, Copacabana, Botafogo.

C.E: Mesmo na infância?

A.L: Sim, ele morou numa casa de vila ali na Bulhões de Carvalho, cresceu e teve a infância dele ali. Deve ter sido bacana, casinha de vila, lugar bacana, bem familiar.

R.M: E você tem informações sobre o ambiente escolar, onde seu pai estudou?

A.L: Não tenho, acredita? Não sei exatamente em qual escola estudou. Mas com certeza a mãe dele, que era muito ligada a essa parte da educação, deve ter matriculado em escolas boas. Não sei em qual escola estudou. Sei que ele foi um aluno exemplar, como a minha avó dizia, sempre ligado aos livros, autodidata. Sempre tive uma imagem do meu pai com um livro embaixo do braço em qualquer momento, sempre lendo, a mãe dele sempre falava que, para ele, antes da brincadeira, vinham os livros.

C.E: Sua avó era de onde?

A.L: Minha avó era mineira, de uma família tradicional de Minas Gerais, filha de um juiz. Meu pai já nasceu no Rio, a vida toda dele foi aqui no Rio de Janeiro, na Zona Sul.

C.E: E o pai dele era de Minas também?

A.L: Acho que o pai dele, de sangue, era do Rio de Janeiro, de Petrópolis.

C.E: E o Hugo Fortes Pinheiro?

A.L: Acho que era carioca também, mas não sei com certeza.

C.E: De qualquer forma, nesse núcleo familiar, eram ele, o irmão, a mãe e o padrasto numa casa de vila naquela Copacabana dos anos 1940 para 1950.

A.L: Isso, maravilhoso! Eu até peguei o final, mas curti! Era uma casa de vila sem portão, em que se jogava bola, e depois, quando teve portão, ele virou as traves do futebol da molecada da vila! Peguei ainda a época sem portão, esse final dos anos bons, não sou tão novo, nasci na década de 1970, devo ter fotos da vila. A rua era totalmente diferente, não tinha nem carros, tinham plantas. Deve ter sido bacana a infância dele, com certeza ele teve uma infância boa.

R.M: Isso na Bulhões de Carvalho?

A.L: Isso, na Bulhões de Carvalho. Depois ele morou muitos anos no Leblon, quando se casou com a Ângela Cardoso.

C.E: A Ângela é a segunda esposa dele?

A.L: Na realidade foi a terceira. Ele se separou da minha mãe, Elza, quando eu tinha uns quatro anos, e teve um segundo relacionamento. Depois teve a Ângela. Ficamos eu e minha irmã, Tatiana, com minha mãe.

C.E: Com a sua mãe ele se casou em que ano?

A.L: Deve ter sido em 1967 ou 1968... A minha irmã é de 1970, por isso eu estou supondo que deve ter sido mais ou menos por aí.

C.E: Então foi ali no final da faculdade, porque ele é da turma de Ciências Sociais de 1968, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, havia entrado quando a UFRJ ainda se chamava Universidade do Brasil, para cursar Ciências Sociais na Faculdade Nacional de

Filosofia, e se formou na época do AI-5, que é de dezembro de 1968, em uma turma histórica, que tinha o Gilberto Velho, de quem o Benjamim está ao lado na foto de formatura, o Eurico de Lima Figueiredo, o Jether Ramalho, a Luitgarde Cavalcanti, a Yvonne Maggie, o Manuel Sanches, o Marcos Medeiros, o José Jeremias, a Liana Cardoso... Foram alunos da Marina São Paulo Vasconcelos em Antropologia, do Evaristo de Moraes Filho em Sociologia, com quem leram Simmel, Marx e outros autores, e da Maria Stella Amorim em Ciência Política, com ela ainda muito jovem substituindo Romeu Rodrigues e Silva, que havia entrado no lugar do Oswaldo Herbster de Gusmão, cassado em primeira hora pelo regime militar, que era substituto do Victor Nunes Leal, o catedrático de Política da FNFfi, também cassado pela ditadura.

A.L: Isso! E meu pai foi até marinheiro, ele contava essa história também. Já se relacionando com a minha mãe, ele viajou pela Marinha. Não era uma coisa que tinha muito a ver com o perfil dele, mas ele gostou, ele falava com bons olhos da Marinha. Foi para a África, ele sempre comentava essa história, a bordo de um porta-aviões...Ele navegou algumas vezes, não era muito do perfil dele, mas ele gostou dessa experiência de vida, sempre comentava.

R.M: Antes de ele entrar na universidade, Alexandre?

A.L: Deve ter sido. Deve ter sido na época do alistamento, aos 18 anos, por essa fase. Logo depois, ele se casou. Ele falava que serviu à Marinha, teve filhos novo, se casou novo. depois de divorciado, se casou de novo, teve uma vida mais corrida.

C.E: Ele chegava a falar de alguma filiação intelectual da juventude, se tinha alguma obra que o marcou, um livro que o marcou nessa fase de universitário?

A.L: Não... Minha avó dizia que, na infância, não na fase adulta, ele era devorador de Monteiro Lobato. Ele se sentava na vila com os livros e as crianças brincando, ele descia com um amontoado de livros e a preferência dele, na infância, era Monteiro Lobato. Na fase adulta, não me lembro de alguma obra que ele falasse, mas é o que eu digo, livro fazia parte da vida dele, livros e os óculos estavam sempre juntos com ele. A imagem que tenho de meu pai era dele sempre com um livro embaixo do braço.

C.E: É interessante dizer que nessa rua em que ele morava, Rua Bulhões de Carvalho, pelo acesso da Rua Francisco Sá se chega até a Avenida Nossa Senhora de Copacabana, onde havia uma livraria, uma filial da Entrelivros, do Jorge Miguel Ileli e do José Miguel Ileli, origem da única livraria de livros novos de Copacabana ainda existente nos dias de hoje, exatamente nesta

esquina, que já não é mais filial da Entrelivros. Então acho que provavelmente ele tinha muita facilidade de acesso a livros, que é uma coisa que nem sempre todos os bairros do Rio ou todas as cidades têm.

A.L: É, minha avó falava dessa questão de a leitura ser aflorada, tanto ela quanto meu tio eram muito ligados a isso. Essa cultura era muito forte. Meu bisavô, pai da minha avó, era juiz, então a preocupação com a educação deve ter sido muito central na família.

C.E: Como era o nome do seu bisavô?

A.L: Raymundo Levi Neves, casado com minha bisavó Djenula Jardim Neves. Meu pai falava que eram de uma família bem tradicional de Minas Gerais, o avô era juiz, de uma família bem conhecida lá, mas a vida dele sempre foi no Rio de Janeiro, ele não tinha tanta ligação, não frequentava Minas Gerais. Minha avó deve ter vindo para o Rio de Janeiro bem antes do nascimento dos filhos.

C.E: O irmão de seu pai era mais velho ou mais novo?

A.L: Era mais velho. Devia ser uns 5 ou 6 anos mais velho, não era muito mais velho, não. Ele também é falecido.

R.M: Então deve ter nascido em 1939, 1940...

A.L: Minha avó falava, e eu sempre levantei muito as orelhas para ouvir as histórias dos meus antepassados, dos seus pais, meus bisavós. Sempre fui muito próximo dos meus avós, ouvi muitas histórias, sempre fui muito atento.

José Amaral Cordeiro Jr.: Havia alguma militância política do Benjamim Lago?

A.L.: Ele falava muito comigo da época da ditadura, de que obviamente ele era contra, dizia que na faculdade era muito aflorado o grupo dele. Ele até dizia: “Alexandre, mais um pouco e vocês não teriam nascido, porque eu cheguei a me envolver na militância política.” E em algum momento ele sentiu que vida dele estava em risco, então ele recuou pessoalmente, porque dos amigos dele de faculdade, alguns foram a fundo nisso e ele sempre dizia essa história: “por muito pouco vocês não nasceram e eu poderia ter me dado muito mal se seguisse minha cabeça, o que pensava, o que era contra”, ele sempre comentava isso, que na época dele essa questão aí era muito aflorada na faculdade, com os colegas.

C.E.: É, ele é da turma do Lincoln Bicalho Roque, que é assassinado pelo regime em 1973. A sua mãe ainda é viva, Alexandre?

A.L.: Minha mãe faleceu ano passado, 2020. Minha mãe também era na área de educação, era psicopedagoga. Não era do Colégio Pedro II, era servidora aposentada do município do Rio.

C.E.: E ela contava como conheceu o seu pai, o Benjamim? Como eles se casaram? Porque foi na época da faculdade...

A.L.: Eles se separaram quando eu tinha quatro anos e nem tenho a imagem do meu pai com minha mãe em memória. Apesar do meu pai ter sido super presente, todo final de semana era sagrado estar junto com os filhos e tinha tanta história para contar para nós, mas não tenho imagem deles dois juntos presentes. Eles se davam bem, tinham um bom relacionamento em função dos filhos, no entanto, essa parte amorosa eu nunca nem tive essa curiosidade, de saber como se conheceram.

C.E.: Onde ele lecionou antes do Colégio Pedro II?

A.L.: Na Universidade Santa Úrsula, no SESC, você comentou que na FGV, mas eu não sabia.

C.E.: Foi professor na FGV, de Metodologia e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais, segundo a orelha do livro dele, *Curso de Sociologia e Política*. E tinha feito o curso, em 1970, na FGV, de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciência Política.

A.L.: Eu não sabia!

C.E.: Você nasceu em maio de 1974, no mesmo mês e ano em que ele entrou no Colégio Pedro II, você tem lembranças de sua infância de seu pai como professor do Colégio Pedro II?

A.L.: Eu tenho mais memória dele na Universidade Santa Úrsula, porque ele me levava muito lá, eu achava incrível ir às aulas e ficar ali sentado nas cadeiras. As pessoas brincando comigo, então eu tenho essa imagem dele na Universidade Santa Úrsula muito forte. Aí depois, quando fiquei mais velho, vem a referência à memória do Colégio Pedro II.

R.M.: Ele tinha um círculo de amigos que eram professores do Colégio Pedro II? De se verem sempre, viajarem?

A.L.: Tinha e era sagrado se encontrarem, conversarem muito e jogarem. Ele gostava muito de jogos. Jogos de baralho, jogos de tabuleiro, muitos jogos e ele até inventou alguns jogos!

J.A.: Ele chega a registrar a patente de jogos que criou...

A.L.: Ele chegou a registrar uns dois ou três jogos e isso é muito bacana!

R.M.: Talvez seja um pioneirismo dele o uso de jogos no ensino de Sociologia, porque hoje a gente tem uma dimensão mais lúdica dos jogos, a própria Olimpíada de Sociologia, de que uma das idealizadoras foi a professora Julia Polessa da UFRJ junto a outros professores do Laboratório Florestan Fernandes, que têm resgatado nas Ciências Sociais, no ensino de Sociologia, essa perspectiva do ensino pelos jogos. Então o Lago me parece que tem aí também um pioneirismo nisso!

A.L.: Ele falava que muita coisa era também ligada à educação. Comentava sobre os jogos.

J.A.: O Benjamim Lago chegou a patentear um jogo de tabuleiro sobre política, talvez usasse os jogos no ensino.

A.L.: Eu me recordo das rodas de conversa dos professores do Colégio Pedro II que eram amigos de meu pai, até pelo fato de meu pai ser casado com uma professora, eles tinham um grupo muito forte, muito unido. E todo final de semana era tradição uma jogatina na casa deles, lá no Leblon, ou as vezes eles viajavam, eu estava naquela fase, mais novo, em que se fica muito junto aos pais. Tenho muito na minha memória os grupos de amigos dele do Colégio Pedro II, professores, na casa dele, nas viagens, nas discussões calorosas sobre política, um querendo mostrar mais conhecimento que o outro. Tenho bastante lembrança disso, foi bem bacana. Toda sexta-feira ele nos pegava, eu e minha irmã, e nos levava para o Leblon e entregava domingo à noite para minha mãe. Pegava toda quarta-feira no colégio também, sempre foi muito presente. Depois minha mãe se casou e fomos morar em Jacarepaguá e tive uma infância superbacana, nesse sentido de sair da zona sul e morar em uma casa grande, podia ter cachorro, piscina. E estudávamos em um colégio legal, o Colégio Jacobina, na época era um colégio bem inovador e uma escola dos sonhos, um sítio que virou uma escola. E meu pai sempre esteve presente em tudo com os filhos e nós sempre no final de semana na casa dele e sempre tivemos nosso quarto. E depois voltamos para a zona sul, morando em Botafogo.

C.E.: Ele era do Campus Humaitá do Colégio Pedro II nessa época?

A.L.: Sim, ele deu aula por muitos anos na unidade do Humaitá e depois ele virou Chefe de Departamento lá em São Cristóvão, no final da década de 1990. Mas foram muitos anos de aula antes.

R.M.: Você se recorda de nomes desse círculo de amigos que eram do Colégio Pedro II?

A.L.: A Ângela Cardoso, que era a esposa dele, o Ezequiel de Geografia, a Vânia, a Rosa Maria de Ciências, a Vera Lucia, o Marco Polo de Geografia... Esses, assim, que me lembro de cabeça.

R.M.: Eles estavam sempre presentes com seu pai?

A.L.: O Ezequiel, que era o carrasco de Geografia na escola, era muito presente, a Vânia... Era esse o grupo deles. Tem mais gente, assim, de que não me lembro o nome de cabeça, muitos vivos ainda e em contato com a Ângela. Era um grupo bem forte, bem unido e sempre juntos.

C.E.: Ele publica o primeiro livro dele já como professor do Colégio Pedro II, em 1983.

A.L.: Ele teve um livro, em 1983, que foi o *Hoje, a Palavra*, de poesia. Aí depois veio *O Roteiro*, de contos em 1984.

C.E.: Então ele primeiro foi para a literatura. Aí que ele publicou o primeiro livro dele de Ciências Sociais, que é o *Dinâmica Social*?

A.L.: Isso, em 1995.

C.E.: E aquele clássico dele, *Curso de Sociologia & Política* é também da década de 1990?

A.L.: Sim, de 1996.

C.E.: Seu pai publicava pela Editora Vozes. Ele tinha contato na Vozes, era católico?

A.L.: Era católico, mas não era praticante. Deve ter sido por contato profissional e foi até uma pena pararem de reeditar os livros. E tenho até aqui originais não publicados! Um de Sociologia e dois de poesia, *Viajar & Voltar e Pluralidade*.

R.M.: São projetos de livros esses?

A.L.: Sim, todos originais, que ele não conseguiu lançar, e eu fiquei com esse material, tentei mandar para a Editora Vozes e não houve interesse.

R.M.: Você chegou a mandar para editores analisarem?

A.L.: Ele chegou a mandar e tentei também.

R.M.: E foi em que ano?

A.L.: Foi em 2003, um ano antes do falecimento dele.

R.M.: Já nos anos 2000...

C.E.: Esse livro de Sociologia não publicado, que antes da entrevista o Alexandre me mostrou, eu achei muito interessante, se chama *Atividades Didáticas em Sociologia* e o subtítulo diz que contém 37 textos e 852 questões de vários tipos, trabalhos didáticos de pesquisas, debates, interpretações de textos, dramatizações, jogos didáticos, questões discursivas, dissertações, acasalamento, múltipla escolha, preenchimento de lacunas, verdadeiro ou falso – “e seus subtipos, derivações e combinações”.

A.L.: Sim.

C.E.: Ele dá um apanhado de como era como um professor de educação básica com muita experiência, tinha muitas atividades diversificadas e acho que vale a pena, se você nos permitir, digitalizarmos e termos esse material disponibilizado para a memória do ensino de Sociologia na educação básica no Brasil.

A.L.: Eu quero!

C.E.: Lê para a gente um poema do Benjamim Lago para podermos conhecer a poesia do seu pai, Alexandre. Lembrando, aliás, que tinham outros poetas no Departamento de Sociologia, como o Ricardo Muniz de Ruiz, que também é poeta, não sei se tem obra publicada, professor titular do departamento já aposentado, mas seu pai tinha o primeiro livro lá em 1983 de poesia publicado. Hoje há outros poetas no departamento com livros publicados também, como o Heyk Pimenta e o Vinicius Fernandes da Silva.

A.L.: Inclusive, a mãe de meu pai, Delza, tem dois livros de poesia publicados também, *Poeira dos tempos*, de 1984, e *Portal dos Sonhos*, de 1989, ambos editados pela autora, mas com o projeto gráfico assinado pelo meu pai, que também fez as capas. Nesse *Poeira dos tempos*, na contracapa, consta uma lista de obras independentes organizadas pelo meu pai até então, onde estão referidos o *Hoje, a Palavra*, o *O Roteiro*, e dois livros de Sociologia, *A Integração Social (teoria sociológica)* e *Projeto de Pesquisa: introdução, finalidades e abrangência*.

C.E.: Que interessante! E a mãe dele era poetisa também e você viu seu pai e sua avó publicando esses livros todos!

A.L.: Vi e participei dos lançamentos, foi superbacana. Teve um lançamento que foi na Universidade Santa Úrsula e às vezes em alguns lugares diferentes, eles faziam alguns lançamentos e eu sempre participava.

J.A.: Inclusive, o Ricardo Ruiz gostava muito do Benjamim e eles prepararam a primeira prova de Sociologia do primeiro concurso para professores de Sociologia da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

R.M.: Em 1990, foi a primeira prova depois da aprovação do ensino de Sociologia nas escolas do Estado do Rio de Janeiro pela ALERJ.

A.L.: Eu convivia com muito material de prova no meu quarto. Montanhas de provas, tinha máquina de datilografia e muito material do Colégio Pedro II.

C.E.: Outro registro que eu acho interessante recordar é que existe uma dissertação de mestrado do professor Flávio Sarandy, *A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil*, de 2004, em que ele pesquisou quatro livros didáticos de Sociologia daquele período e um deles é o *Curso de Sociologia e Política* do professor Benjamim Marcos Lago, e o livro é analisado profundamente, com rigor teórico e conceitual, e o Sarandy conclui que o livro do Benjamim Lago é o que tem mais forte ênfase conceitual, o mais teórico, voltado explicitamente para o ensino dos conceitos, o que demonstra a qualidade dele. Além disso, isso não chega a chamar a atenção do Flávio Sarandy, mas o livro do Benjamim Lago trazia discussões importantes sobre relações étnico-raciais e relações de gênero, e essa abordagem representa também um pioneirismo do Benjamim Lago como autor de livros didáticos, vinculado a questões de seu tempo. Além de existir um artigo do Benjamim Lago, *Análise intersetorial - um modelo para a interpretação política da sociedade*, publicado em 1980 na Revista de Ciência Política da Fundação Getúlio Vargas, em que ele já se identificava como professor do Colégio Pedro II, da Fundação Getúlio Vargas, do SESC e da Universidade Santa Úrsula. E é um artigo muito interessante, por usar metodologias variadas de pesquisas para análise de fenômenos políticos. E está lá publicado em um número ao lado de artigos de Afonso Arinos de Melo Franco, Themístocles Brandão Cavalcanti, Djacir Menezes, de quem o Benjamim provavelmente foi aluno na UFRJ, Olavo Brasil de Lima Junior, nome histórico do antigo IUPERJ, onde o Benjamim Lago chega a iniciar o mestrado em Sociologia, sem notícia de que tenha concluído, entre outros nomes. Você ia ler para nós a poesia, Alexandre, pode ler.

A.L.: Chama-se *A meus filhos* e está no *Hoje, a Palavra*, de 1983. “Eu ouço os ruídos dos motores/ (a gasolina, o álcool, sei lá!)/ Estou num bar e hoje o dia é sábado/ tal como já dizia Vinicius). // Sinto-me romântico/ (e sem poder sê-lo: / já que nosso mundo/ é tão realista/ — ou tenho que ser?) // Eu falo de meus filhos/ e misturo a saudade/ que temos mutuamente/ com minha autonomia. // E nessa vida (talvez) vazia, / de bar em bar, / eu sinto-me, provincianamente, / correndo para ser recebido/ com abraços e o sorriso largo/ da Tatiana e Alexandre, meus filhos, / numa casa que não tenho mais... // E essa minha busca/ de amor-liberdade? / E minha procura/ de uma relação/ auro-conciliável/ entre homem-mulher? / E as perplexidades/ de o mundo entender/ e sonhos buscar? / Acabam por se esbarrar/ num belo mundo bucólico, / numa porteira rangente, / nuns risos soltos de crianças. // E num mundo verdejante/ no qual eu nunca vivi/ (menino de megalópole) / e que teima aparecer/ muitas altas madrugadas/ nos meus sonhos de menino/ que não subiu em jaqueira, / nem teve pipa ou bodoque. / E nem olhou com orgulho/ para seu pai distraído/ (mesmo que um pai com os pés/ descalços, o olhar cansado), / a caminho do trabalho, / a caminho de dominar/ a terra, a água, a natureza/ — mesmo que com dedos rudes / e mesmo que muitos poucos / (e só o atento menino) / percebam o seu trabalho. // Crianças que meu ser/ pela vida trouxe/ e do mundo vieram: / por seu intermédio/ eu lhes amo em mim/ o pai de vocês/ que gostaria eu/ de ter tido próximo. // Crianças, meus filhos, hoje tenho/ muita saudade de vocês, / mas, uma saudade agradável/ (lembram do dia em que brincamos de que nós éramos irmãos?) / Como tenho todas as noites/ nos sonhos da criança que há, / sempre, em cada adulto sadio. // Eu hoje gostaria/ de que vocês olhassem/ também meu ser adulto. / meus dedos calejados, / meu rosto sutilmente/ sulcado pela vida, / (e ainda não cansado) / a buscar o mistério/ deste mundo fascinante! / Minha vontade intensa/ de querer fazer coisas /para um mundo melhor, / um desejo esforçado/ de expressar minha voz, / querendo que essa possa transmitir grande amor/ por este ambíguo mundo. // Pois este é o mundo, / onde, ainda cremos, / se está construindo o homem, / Este é o mundo onde, entre tantos erros/ e tantos acertos, / também nós forjamos/ a fraternidade/ e a alegria dos homens! // E que meu legado/ seja o da esperança/ forjada na ação, / do amor ao real/ em síntese instável/ com o sonho utópico. // Que eu possa expressar/ amor à justiça, / liberdade humana, / vida em todo espaço! // E que vocês saibam transmitir/ no fluxo inesgotável do tempo/ um inabalável humanismo, / sejam quais forem as circunstâncias, / seja qual for o poder e o estar. Rio, 3 de abril de 1982”

C.E.: Lindo esse poema, Alexandre! E acho que esse registro é importante porque demonstra além da perspectiva dele como sociólogo também uma produção como poeta. Você chegou a ter uma conversa com ele, você já adulto e ele já nos últimos anos de vida? Porque ali no início dos anos 2000, em um espaço de um ano, ele se aposenta, descobre um câncer e vem a falecer em 2004, você tinha 30 anos. Ele foi resiliente em relação à doença?

A.L.: Sim! Ele pegou o início da internet e ele sempre foi muito autodidata, ele devorava a internet quando quase ninguém tinha acesso. E aí ele pesquisava muito com um laptop, que ele levava para o hospital, e pesquisava tudo que podia, debatia com os médicos, se aprofundava sobre a doença dele. Meu pai sempre teve a cabeça erguida até na doença, sempre positivo, buscando a cura.

C.E.: E ele fazia algum balanço da vida dele? Por exemplo, o José lembrou que você tinha 14 anos quando tem a constituinte de 1988. Você lembra o posicionamento dele nessa época, quando você era até mais jovem?

A.L.: Meu pai sempre me ensinava sobre política em casa. Lembro-me que sempre falava da inflação, do Sarney, me levava ao mercado e falava “o preço é esse, filho, se voltar uma hora depois o preço mudará”. Ele sempre discutia muito sobre política. Também me lembro que ele teve uma grande decepção com o Fernando Henrique Cardoso por ser sociólogo, então meu pai tinha muita esperança da mudança. Ele gostava muito do Fernando Henrique e depois ficou muito decepcionado.

C.E.: Naquele momento ali, em 1989, quando teve aquela polarização de Lula e Collor, ele tinha uma posição?

A.L.: Não, ele falava que não tinha um partido. Quando o Tancredo morreu, ele lamentou a morte e eu estava na casa dele. Mas ele nunca teve um partido definido.

C.E.: Na eleição do Collor, ele deve ter votado nele ou no Lula?

A.L.: Ah, deve ter sido no Lula!

C.E.: Quando teve a primeira eleição do Fernando Henrique, que foi logo depois do Plano Real, a inflação tinha sido contida, e a eleição foi em 1994 e ele entra na presidência em 1995. No final, muita gente estava decepcionada porque teve a crise de 1999, logo após a segunda eleição do Fernando Henrique, em 1998, e foi um marco esse momento que se arrasta até 2002, quando

Lula foi eleito pela primeira vez. E lá no Colégio Pedro II, o salário fica muito baixo no período do Fernando Henrique. Ele tinha algum comentário sobre a precarização do trabalho, sobre o salário?

A.L.: Eu meio que me lembro que ele comentava por alto. Meu pai tinha um lado que se engajava, mas também curtia muito, a gente se divertia junto. Ele era uma pessoa muito querida! Eu sou muito parecido com ele fisicamente, algumas pessoas já me viram na rua e disseram “você é filho do Benjamim?” Uma vez eu disse “sim” e a pessoa que nem me conhecia, mas por eu parecer com ele, comentou: “seu pai mudou minha vida, ele é uma pessoa que abriu minha mente, eu estava desencaminhado.” Muitos ex-alunos do Colégio Pedro II, conheço muita gente do Colégio Pedro II, sempre falam super bem dele. Outra coisa que me chamava a atenção, era que ele morava no Leblon, então eu frequentava muito a praia, tinha um grupo de amigos. E ele sempre falava “pode trazer um amigo”, e os amigos brigavam para ver quem ia passar a noite no meu pai, para fazer um pré-night, tomar uma cervejinha com ele e bater um papo com meu pai. Sempre era um papo muito legal, todo mundo adorava conversar com meu pai, sempre botava uma boa música na vitrola e conversava abertamente. Lembro que os meus amigos tinham muito isso, não só o pessoal do Colégio Pedro II, como os amigos da praia, de qualquer grupo, todos gostavam muito do meu pai, isso era uma coisa que me chamava atenção. Ele sempre foi uma pessoa admirada, muito agradável.

R.M: Muito sociável, né Alexandre?

A.L: Muito sociável. Os meus amigos da praia sempre diziam “ó, quem vai hoje na casa do Alexandre?” e o pessoal brincava “hoje é a minha vez!”, “não, hoje é a minha vez!” e ele falava “leva uma pessoa só.”

R.M: Você chegou a estudar no Colégio Pedro II?

A.L: Eu cheguei a estudar no Colégio Pedro II, mas eu tive uma passagem rápida, de três anos do segundo segmento do ensino fundamental, na época Primeiro Grau. Depois fui para a escola técnica. Eu estudei, minha irmã estudou e agora meu filho está estudando.

R.M: Em qual unidade?

A.L: No Humaitá. Meu filho estuda no Humaitá, onde meu pai lecionou, e eu estudei no Humaitá, depois saí e fui para a escola técnica, dei uma rodada. Não cheguei a ser aluno dele,

que lecionava OSPB, acho que era o único professor da época de OSPB lá no Humaitá, que só tinha na 8ª série do ensino fundamental, se não me engano.

R.M: Sua irmã também estudou no Colégio Pedro II?

A.L: Estudou, ela fez o ensino médio, que se chamava Segundo Grau na época.

R.M: No Humaitá também?

A.L: No Humaitá também Eu fiz a prova para a 5ª série do Primeiro Grau e a minha irmã para o 1º ano do Segundo Grau. Fiquei até a 7ª série, aí saí, fiz a a 8ª série em uma outra escola em Botafogo...

C.E: Na 5ª, na 6ª e na 7ª série, em nenhum desses anos você chega a ser aluno do seu pai?

A.L: Não. Porque era na 8ª a OSPB.

C.E: Entendi. Ele só dava aula, então, no 8º, no último ano do ensino fundamental.

A.L: Ele deu aula de Geografia também, mas eu acho que nessa época que eu estava lá, não sei se ele estava dando aula de Geografia. Mas eu sei que ele era de OSPB, não sei se tinha outro professor, mas acho que era só ele na época.

C.E: Já adulto, nessa época já do balanço que ele fazia ali, já no período dele já com câncer, ele chegou a falar do Departamento de Sociologia, em que ele trabalhou, dos colegas de trabalho mais diretos, do departamento de que ele foi Chefe de Departamento de 1998 a 2000?

A.L: Um pouco... Sobre isso até a Ângela Cardoso refletiu um pouco comigo, é até um pouco delicado. Eu não me lembro quanto tempo ele ficou como Chefe de Departamento, porque eu já estava com a minha vida, final de faculdade. Eu me lembro que quando ele foi ser Chefe de Departamento, ele foi para São Cristóvão, se não me engano, fisicamente tinha que trabalhar lá, ele falava que sentia muita falta, que o que ele gostava mesmo era de dar aula, de ensinar. Ele falava da falta de estar lecionando e ele até brincava que tinha uma oportunidade, queriam que ele fosse diretor no Colégio Pedro II, mas ele brincava “Alexandre, eu não nasci para ser chefe, então ser diretor jamais! Chefe de Departamento, por mais que seja minha área, me agrade, já tem um lado de politicagem, de chefia, que não me agrada muito.” A Ângela Cardoso comentou que, no final, ele estava tendo alguns estresses, eu não soube o que aconteceu, mas acho que ele se desgastou um pouco com essa questão da chefia, não era muito do perfil do meu

pai, me lembro que ele comentava isso, que chefiar não era a praia dele, que ele gostava mesmo de dar aula, ensinar. Basicamente é isso, meio por alto, eu não soube de problemas.

C.E: Tem uma questão no departamento, os mais jovens que entraram no concurso de 1994, deviam ser pouca coisa mais velhos que você. Deviam ter vinte e poucos anos, uma geração acima da sua. Eles entram e quando, em 1998, seu pai se torna Chefe de Departamento, ele sugere o uso do livro dele como livro a ser adotado pelo departamento. Muitos ali não queriam usar o livro do Benjamim Lago, preferiam usar material próprio, então não sei se nisso teve algum tipo de conflito dele com alguns colegas mais jovens, dessa geração mais jovem que se opunha ao uso do livro didático dele. Eu realmente imagino que pudesse ter algum tipo de coisa nesse sentido.

A.L: Teve, alguma ranhura teve. Até a Ângela comentou que no final da vida ele ficou meio decepcionado, houve alguma coisa sim. Não sei detalhes, mas realmente houve, talvez até ele tenha se aposentado em decorrência disso, não sei, porque a doença, quando ele descobriu, ele já estava aposentado.

C.E: Sim, queria saber se tinha sido algo tão forte a ponto de ele levar para casa, por exemplo. Provavelmente ele pode ter falado com a Ângela.

A.L: É, para ela, na época tinham até se separado, mas o convívio era forte, trabalhavam no colégio.

C.E: Ah, nessa altura ele tinha se separado dela, estava com a quarta esposa dele, a Lucia, e aí veio o câncer, não é?

A.L: É, ele estava em um outro momento de vida, meu pai sempre mudou, foram alguns casamentos. Então tinha se separado, estava com outra esposa, se mudou, estava em um momento bacana de vida, tinha se aposentado, cheio de planos e veio a doença. Então foi muito marcante para mim, a doença, e para ele, que queria curtir a vida. A primeira neta dele tinha nascido, ele estava em um momento de bem com a vida e a doença foi fulminante, foi muito rápido. Ele nunca trazia muitas conversas profissionais, apesar de eu conviver muito com ele. Eu me lembro que ele falava que não gostava de nenhum aluno em recuperação, ele tinha aquele lado de um cara bacana. Eu vi pessoas que vieram a mim, chegaram em mim, até recentemente, e falaram “poxa, seu pai foi meu professor!”, sempre falando bem dele. Sempre ficava isso, esse lado dele de querer ensinar, de querer ver as pessoas para cima e de mudar de vida. Uma

pessoa fez a declaração que eu citei “seu pai mudou minha vida”, o que até me impressionou. Qual contato que ele teve com o meu pai para ele abrir a mente desse aluno dele? Ele era uma pessoa muito positiva, apesar dos problemas que ele deve ter passado, ele sempre tinha um astral para cima, não falava muito dos problemas.

C.E: Sim. Então eu acho que a gente vai caminhando para o final. Tem algum acontecimento-chave que a gente esqueceu, que influenciou a trajetória do seu pai, algum acréscimo de informações que você quer dar sobre as quais a gente não tenha feito uma pergunta?

A.L.: O grupo dos amigos, dos professores, que citei, era algo muito forte. Também tem essa questão da ditadura, que era muito presente. Ele brincava sempre que a gente só estava vivo porque ele não se aprofundou na luta contra a ditadura, mas havia o descontentamento óbvio dele com a questão política, que chamava atenção dele desde o início da faculdade. Ele dizia também que tinha muita esperança de mudança com o FHC e ficou decepcionado. Uma coisa também para dizer é que ele falava várias línguas, isso era legal do meu pai, ele era poliglota, falava quatro idiomas. Ele falava muito esperanto! Ele adorava falar esperanto, ele gostava de esbanjar conhecimento para todos. Ele brincava que adorava esperanto, falava esperanto e eu não entendia nada. Sempre viajou muito, comentava que a Marinha o levou para a África, mas que ele conhecia quase todos os continentes, faltava a Oceania e a Ásia. Viajou muito, tinha uma cultura muito afluída, adorava viajar na época das férias dele, ir para o exterior, conhecer vários continentes, muitos países. Na nossa infância, ele sempre viajava muito com os filhos, acampava, tinha essa mente bem aberta. Teve até um trailer, então sempre foi muito de viagem, curtia bastante esse tipo de vida. Acho que é isso, além da questão que já comentei sobre a pessoa dele, que ele era uma pessoa muito agradável, um super pai, eu tinha uma amizade muito profunda com ele, tinha um relacionamento ótimo, todo mundo gostava dele. Não gostar dele era difícil, apesar de eu ser filho e ser mais fácil falar dele. Sempre com um astral legal, pena que se partiu cedo.

C.E: Ele se aposentou de todos os empregos antes de falecer?

A.L: Sim. No final, ele só estava no Colégio Pedro II.

C.E: E quando tem aquela eleição, em 2002, em que teve a eleição do Lula, você lembra de ele ter alguma menção a ter alguma esperança do que estava por vir ou já estava muito focado nessa parte da subjetividade dele, de estar se aposentando, e não chegou a ser envolvido muito?

A.L: Engraçado, agora você falando, hoje em dia, se ele estivesse vivo, com certeza ele não estaria satisfeito! Mas engraçado, estou tentando relembrar e não vejo ele falando especificamente. A gente, no final, quando eu estava na fase adulta, era uma coisa de almoçar fora, era uma relação muito prazerosa. Apesar de, na infância, ele falar muito de política comigo, eu aprendi muito com ele, depois, a gente era sempre muito solto, eram muito leves as conversas com ele, as saídas. Lembro das últimas ocasiões de poder tomar um chope com meu pai, isso está totalmente guardado em minha memória. Ele era poeta, me lembro dele no bar, de tomar uma cerveja e começava a escrever um poema. Ele era uma pessoa com a cabeça muito pensante, acho que ele estava sempre querendo criar alguma coisa, o objetivo dele era esse, o prazer em criar, era a mentalidade dele, sair, viajar...

C.E: Eu te agradeço muito por esse depoimento, Alexandre! Mosca, está contemplado?

R.M: Sim, acho que a gente colheu boas informações, estamos com uma hora de entrevista, acho que concluímos o objetivo.

C.E: Temos aí o neto do Benjamim Lago ao seu lado, seu filho. Como ele se chama? São dois netos, não é?

A.L: É, o outro é o pequenininho, o Pedro. Esse é o Rafael, meu filho mais velho! Ah, tem outro ponto que eu acho interessante, diferenciado. Meu pai era tricolor, mas era pouco ligado a futebol.

R.M: Viu, José?

A.L: Você também é tricolor?

R.M: Sou.

A.L: Então, mas eu sou flamenguista, por muito pouco não me tornei botafoguense, ia ser muito sofrimento, acabei pulando para o lado do Flamengo. E ele me levava muito, vejam como meu pai era uma pessoa que sempre buscava as coisas boas, ao Maracanã para ver o Zico, o Junior e companhia! Apesar de ele não ligar para futebol e ser tricolor, ele me levou algumas vezes. Isso me marcou muito, marcou minha infância!

R.M: Você diz nos anos 1980?

A.L: Nos anos 1980, ver aquela geração de ouro. Ele levava sempre eu e meus amigos, apesar de não gostar de futebol, ele estava sempre lá, me deu esses prazeres. Isso ele até gostou, Copa

do Mundo, Dunga... Estávamos todos ali no Clipper, nos divertimos quando o Brasil foi campeão, uma data marcante. Ele morava ali perto do Clipper, no Leblon, então em dia de jogo tínhamos que descer para a rua porque ele morava em frente ao Clipper e dentro de casa já estava um tumulto, sempre descia nos jogos, porque em dia de jogo antigamente fechava a rua.

R.M: Para quem não é do Rio, o Clipper é um ponto de encontro de torcedores ali na Zona Sul.

A.L: Isso! Hoje nem é mais, mas no passado era. Ele morava em frente, morava na esquina, era desagradável se você não descesse, porque você estaria com o tumulto dentro de casa. A gente sempre descia, me lembro disso, era muito legal, nos jogos, na Copa do Mundo de 1994, que teve o Dunga, não é? A gente foi para o Clipper, foi uma bagunça danada, muito bacana, uma das imagens legais que eu tenho com meu pai.

A.L: Isso em 1994, depois a gente viu em 1998 aquela tristeza com a França.

C.E: E ele morre em 2004 em que dia? Qual é a data da morte?

A.L: Foi no dia 13 de janeiro, pouco depois do aniversário.

C.E: Depois do aniversário...

J.A.: Eu agradeço também, essa entrevista foi um achado! Obrigado, Alexandre!

A.L: De nada! Eu fugi um pouco dessa área profissional porque, às vezes, levei mais para o lado pessoal...

C.E: Esse lado pessoal também interessa muito à gente, para conhecer essa figura do Benjamim Lago, o criador de jogos didáticos, pioneiríssimo, além de também ser um professor de mão cheia, com muitas atividades didáticas. Além de ser um sociólogo propriamente dito, com manual de Sociologia, com livro teórico sobre Dinâmica Social. Uma característica muito interessante é que a mãe dele era mineira e ele tem uma característica muito presente em todos os entrevistados mineiros que já pude entrevistar, que é muita discrição em cada esfera da vida. Na família é dedicado à família, no trabalho é dedicado ao trabalho, e não leva muito as coisas da família para o trabalho e vice-versa. Uma discrição mineira que, embora ele fosse aqui do Rio, talvez tenha herdado da mãe mineira, uma *Weltanschauung* mineira, de ser um sujeito muito discreto, muito boa praça e que as vezes até se surpreende com algumas dimensões políticas que a vida oferece, quando você está ali só tentando ter uma boa relação com todo mundo. Como ele explica no final do Dinâmica Social dele, em que ele diz que teve uma

experiência de trabalho em que defendia uma proposta diferente dos demais colegas, recebido com hostilidade, mas em que buscou encontrar os consensos e dissensos, até o grupo encontrar o que tinha em comum, em vez de desavenças, estabelecendo um clima de cordialidade, mesmo com divergências, mas com alegria e amizade entre o grupo.

A.L: Legal! Eu fico feliz! Esse lado mineiro foi uma boa dica! Eu já sou uma pessoa que, como sou administrador, uma área totalmente diferente da dele, levo um pouco para casa.

C.E: E é do Rio, né? Nós quatro somos daqui... A gente fala mais, o mineiro é, em geral, mais discreto, mais reservado.

R.M: Alexandre, agradeço pela entrevista também, super obrigado!

C.E: Obrigado novamente, Alexandre!

A.L: Obrigado por tudo!

C.E: Nós que agradecemos!